

Ambientes virtuais de aprendizagem: comunicação (as) síncrona e interacção no ensino superior

Virtual learning environments: (as) synchronous communication and interaction in a higher education level

Nídia Salomé Morais

Escola Superior de Educação de Viseu

salome@esev.ipv.pt

Isabel Cabrita

DDTE – Universidade de Aveiro

icabrita@ua.pt

Resumo

A adopção de ambientes virtuais de aprendizagem em contexto educativo tem vindo a mostrar um enorme potencial, sobretudo ao nível da comunicação e interacção entre professores e alunos. Especificamente ao nível do ensino superior, e consonante com o espírito de Bolonha, estes ambientes virtuais ganham especial importância ao permitirem prolongar a aprendizagem muito para além do espaço e do tempo da aula. Neste sentido, considerou-se importante desenvolver um estudo em torno da adopção, complementar de sessões presenciais, de um ambiente virtual de aprendizagem num grupo de alunos do ensino superior politécnico. Os principais resultados obtidos apontam como vantajosa a utilização destes ambientes, sobretudo, pelas vantagens daí decorrentes a nível da interacção entre professores, alunos e destes entre si, bem como a nível do acesso a conteúdos e serviços.

Palavras-chave: b-learning, ambientes virtuais de aprendizagem, comunicação, interacção.

Abstract

The adoption of virtual learning environments in education contexts has shown great potential, especially at a communication and interaction level between teachers and students. At a higher education level, and in accordance with the Bologna spirit, these virtual environments gain special importance by allowing the prolonging of learning beyond the classroom and the class period. Bearing this in mind, it was considered relevant to develop a study focused on the adoption of a virtual environment, coordinated with in classroom sessions, by a group of students from a polytechnic higher education institute. The main results achieved point out that the use of these environments are an advantage, mainly at an interaction level between teachers, students and both, as well as in matters concerning the access to content and services.

Keywords: b-learning, virtual learning environments, communication, interaction.

Introdução

A reestruturação do ensino superior à luz do paradigma do processo de Bolonha vem colocar, inevitavelmente, novos desafios às instituições de ensino superior um pouco por toda a Europa. Entre outros, e considerando também as novas políticas de acesso ao ensino superior em Portugal, como é exemplo o regime de acesso para maiores de 23 anos, esses desafios passam por tornar estas instituições em espaços cada vez mais atractivos, capazes de motivar uma grande diversidade de alunos com diferentes necessidades e expectativas.

Para além destes desafios, e considerando o enorme potencial das tecnologias de informação e comunicação (TIC), outra das preocupações, tal como defendem iniciativas como o *campus virtual*, é que se promova o uso destas tecnologias ao nível do ensino superior. A este respeito, acredita-se, tal como defende Cornford & Pollock (2002), que o desafio da integração das TIC é actualmente uma questão comum às diferentes universidades espalhadas um pouco por todo o mundo: “Around the world, both new and existing higher educational institutions are seeking to harness the capacities of information and communications technologies (ICTs) to build ‘virtual universities’” (id:171).

Neste sentido, não parece ser difícil constatar que as tecnologias da Internet poderão desempenhar um papel crucial na construção destas ‘universidades virtuais’, sobretudo se se considerarem as vantagens associadas à comunicação e à facilidade em aceder a conteúdos e serviços a qualquer hora e em qualquer lugar.

Com efeito, nos últimos anos, a investigação realizada sobre as potencialidades das TIC ao nível do ensino superior aponta no sentido de que a introdução destas tecnologias poderá trazer benefícios às universidades, nomeadamente, pelo facto de poderem oferecer soluções de ensino e de aprendizagem mais flexíveis e por conseguirem aumentar o número de alunos sem que para isso tenham de investir em novas instalações (Ramos *et al.*, 2002). Para além destes benefícios, a utilização de plataformas de gestão da aprendizagem, articuladas com soluções baseadas em metodologias de e-learning, poderá contribuir para a criação de novos ambientes de aprendizagem, que fomentem a interacção e a colaboração e que, de um modo geral, possam favorecer o ensino e a aprendizagem.

b-Learning no ensino superior

A necessidade de oferta de modalidades mais flexíveis de aprendizagem tem fomentado a adopção de abordagens baseadas no e-learning. Torna-se, desta forma, muito comum encontrar instituições de ensino superior que implementam diversos projectos com o intuito de aproveitarem as potencialidades do e-learning, tanto ao nível da formação inicial como no âmbito de pós-graduações. Neste contexto, o recurso à modalidade *blended learning* (b-learning) tem merecido especial atenção.

Especificamente, o b-learning poderá compreender duas finalidades distintas: a de minimizar a componente presencial ou a de complementar a formação presencial (Adão e Bernardino, 2003). A primeira abordagem prevê que a maioria das actividades de aprendizagem seja desenvolvida a distância. Apesar de se realizarem sessões presenciais, estas ocorrem com menor frequência e, normalmente, acontecem no início e no final da formação. Na segunda abordagem, a componente a distância do b-learning visa sobretudo facilitar o acesso a conteúdos e disponibilizar um outro meio, para além do espaço da aula, para que professores e alunos possam interagir e comunicar entre si.

Em ambos os cenários, os ambientes virtuais de aprendizagem surgem como soluções bastante completas, na medida em que para além de oferecerem de forma integrada funcionalidades associadas à comunicação e partilha de informação, favorecem a flexibilização dos espaços e dos momentos de aprendizagem.

Frequentemente designados por plataformas de gestão da aprendizagem, plataformas de e-learning ou Learning Management Systems (LMS), estes ambientes virtuais de aprendizagem compreendem, na sua generalidade, serviços de comunicação e ferramentas de colaboração, funcionalidades que facilitam a partilha de conteúdos, bem como ferramentas de gestão que permitem gerir o acesso e o registo de utilizadores. A grande mais-valia destas diversas funcionalidades, em contexto educativo, talvez seja o facto de contribuírem para a construção de novos ambientes virtuais, capazes de beneficiar a comunicação entre professores e alunos e destes entre si, criando, desta forma, novas oportunidades para que o aluno possa participar de forma mais activa no processo de construção das suas aprendizagens. Considera-se, por isso, que ao invés de serem encaradas apenas como meros repositórios de informação, estas plataformas devem antes ser encaradas como veículos capazes de promover a interacção e a experimentação através de recursos tecnológicos (Dias, 2004).

Comunicação

No sentido de se compreender o tipo de interações que se poderão estabelecer em contextos de e-learning, parece ser importante distinguir as ferramentas de comunicação que possibilitam a comunicação síncrona e as que permitem a comunicação assíncrona, na medida em que cada uma destas ferramentas de comunicação poderá ser utilizada com o intuito de promover e até de estimular a partilha de conhecimento:

“A partilha dos meios de comunicação mediada por computador, como o correio electrónico, a conferência áudio e vídeo, o grupo de discussão, o fórum e o quadro virtual, promove o envolvimento dos membros da comunidade nos processos de negociação das representações, do reajustamento continuado dos modelos mentais, da compreensão da complexidade do conhecimento e ainda do desenvolvimento do pensamento crítico através da experiência partilhada, enquanto meios de comunicação em rede que se transformam e são utilizados como prolongamentos das capacidades cognitivas do aluno.” (Dias, 2000: 161-162).

Para que possam ser usadas de forma adequada em contexto educativo, julga-se pertinente perceber as especificidades de cada uma delas. Assim, e tal como a própria designação sugere, a comunicação síncrona obriga a que os participantes se encontrem *online* ao mesmo tempo para poderem comunicar entre si, na medida em que este modo de comunicação se caracteriza pelo sincronismo da troca de informação. Já no que se refere à comunicação assíncrona, a transmissão de informação ocorre de modo diferido, não exigindo, por isso, a disponibilidade simultânea dos diferentes interlocutores.

Ao permitem a comunicação em tempo real, as ferramentas síncronas promovem a proximidade ‘virtual’ entre participantes como acontece, por exemplo, através da utilização de videoconferências, do *chat* e da partilha de aplicações.

Tal como acontece no discurso falado, geralmente, no *chat*, as conversas fluem com grande naturalidade, pelo que é um ambiente que convida a uma maior informalidade nos diálogos que nele ocorrem. No entanto, o sincronismo que caracteriza este serviço de comunicação obriga a que os participantes realizem um esforço mental adicional para conseguirem acompanhar o ritmo da discussão. Ou seja, num curto espaço de tempo, o interveniente deverá realizar não só a leitura de novas mensagens, mas também a redigir as suas próprias contribuições (Miranda e Dias, 2003).

Quando, em contexto educativo, se julga pertinente a sua utilização, é importante que se proceda a um planeamento detalhado das sessões de *chat*, no sentido de se evitar que as conversas se tornem caóticas e sem rumo. Logo, o professor deverá ter o cuidado de definir as

regras de participação, os objectivos, bem como o número de participantes e a duração de cada sessão de *chat* (Rodrigues, 2004).

O recurso a áudio e a videoconferências em cenários de e-learning poderá revelar-se uma solução bastante atraente pelas características da comunicação que se consegue estabelecer nestes cenários. O principal cuidado na utilização destes serviços reside, sobretudo, em assegurar que todos os participantes possuam as condições técnicas para que consigam usufruir, sem problemas, da interactividade proporcionada por estas soluções. O professor não deverá esquecer, no entanto, que “para além das questões técnicas, é necessário concentrar a atenção nos aspectos pedagógicos do uso de conferências com áudio e vídeo. Tal como nas conferências de texto, o fundamental é planear e preparar as sessões, definindo claramente os seus objectivos, o tópico, o formato e a duração” (Rodrigues, 2004: 82).

A partilha de aplicações e o recurso a ‘quadros brancos’ enquadram-se também na categoria de ferramentas síncronas. Com efeito, em determinados contextos de formação, estas soluções surgem como sendo alternativas de grande utilidade, nomeadamente quando os objectivos passam por explicar determinados fenómenos através de desenhos ou diagramas ou demonstrar o funcionamento de determinado *software*. Quando se afigura pertinente recorrer a estas funcionalidades, torna-se indispensável prever que os alunos devem aprender a utilizar a tecnologia com que irão trabalhar para que possam usufruir das potencialidades oferecidas pelas mesmas (Rodrigues, 2004).

Para além das ferramentas síncronas, em contextos de e-learning, que visam potenciar a flexibilidade temporal e espacial dos vários intervenientes, as ferramentas de comunicação assíncrona demonstram um enorme potencial, na medida em que permitem que professores e alunos possam reflectir sobre as contribuições de cada um, ao contrário do que acontece, normalmente, na comunicação síncrona.

Um dos serviços de comunicação assíncrona mais utilizados actualmente é, sem dúvida, o correio electrónico. As vantagens associadas à sua utilização passam por permitir uma comunicação privada, rápida e económica baseada num modelo de ‘um para um’ ou de ‘um para muitos’ (*mailing lists*). Em diferentes níveis e contextos educativos, este serviço é muitas vezes o meio privilegiado pelos alunos para colocarem questões aos professores, assim como para comunicarem entre si. Para Duggleby (2002) “outra vantagem do e-mail é a de permitir reflectir sobre aquilo que se pretende dizer” (p.42). No entanto, sugere-se que o docente informe sobre o tempo médio de resposta às mensagens enviadas, defina regras para a utilização deste serviço e sensibilize os alunos para as regras da etiqueta na Internet (Rodrigues, 2004).